

Revista Científica

FACULDADE ATENAS- PARACATU-MG

Indexadores:

latindex

LivRe
Revistas de livre acesso

ISSN 1980-6957 | Ano 2019 V 11 N°. 04



FACULDADE
ATENAS

www.atenas.edu.br
38 3672-3737

A FITOTERAPIA COMO POSSIBILIDADE TERAPÊUTICA NA ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Ana Caroline Ribeiro dos Santos¹
Daniela de Stefani Marquez²
Douglas Yamamoto³
Benedito de Souza G. Júnior⁴

RESUMO

As terapias alternativas vem ganhando espaço ao longo dos tempos. A busca por terapias menos invasivas e agressivas levam ao consumo de opções consideradas naturais. Os medicamentos fitoterápicos apresentam diversos benefícios, pois possui bom custo/benefício, fácil aceitação pela população, uma vez que esta faz uso de plantas medicinais desde épocas históricas. A fitoterapia se mostra uma opção acessível para as comunidades carentes, além de ser uma boa opção para suprir a falta medicamentosa nos sistemas de saúde. Frente a isso foi necessário que o sistema único de saúde criasse políticas e programas que regulamentam o uso dos fitoterápicos na atenção primária à saúde. Neste cenário é preciso traçar a importância do enfermeiro em orientar a população sobre o uso correto desses medicamentos; pois esse profissional está muito próximo da população. O presente estudo trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com o objetivo de descrever a atuação do enfermeiro na prescrição/indicação de fitoterápicos.

Palavras-chave: Enfermagem; Fitoterapia, Medicamentos Fitoterápicos, Plantas Medicinais.

ABSTRACT

Alternative therapies have been gaining ground over time. The search for less invasive and aggressive therapies leads to the consumption of options considered natural. Herbal medicines have several benefits, as they have good cost / benefit, easy acceptance by the population, since they have been using medicinal plants since historical

¹ Aluno do Centro Universitário Atenas;

² Professora do Centro Universitário Atenas;

³ Professor do Centro Universitário Atenas;

⁴ Professor do Centro Universitário Atenas.

times. Phytotherapy proves to be an affordable option for needy communities, in addition to being a good option to fill the lack of medication in health systems. In view of this, it was necessary for the single health system to create policies and programs that regulate the use of herbal medicines in primary health care. In this scenario, it is necessary to outline the importance of nurses in guiding the population on the correct use of these drugs; because this professional is very close to the population. The present study deals with a literature review research with the objective of describing the role of nurses in the prescription / indication of herbal medicines.

Keywords: *Nursing; Phytotherapy; Phytotherapeutic Drugs; Plants Medicinal.*

1 INTRODUÇÃO

Conforme a Resolução da Diretoria Colegiada Nº 26, DE 13 DE MAIO DE 2014 que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos ⁵, são considerados fitoterápicos aqueles medicamentos que possuem como obra prima os vegetais, a efetividade desses medicamentos deve ser baseada em literatura científica comprovada. Não se considera fitoterápico o medicamento cuja composição possua substâncias ativas isoladas ou altamente purificadas, sejam elas sintéticas, semissintéticas ou naturais e nem as associações dessas com outros extratos, sejam eles vegetais ou de outras fontes, como a animal (ANVISA,2014).

Segundo Rezende e Cocco (2002) a fitoterapia é o tratamento pelas plantas, é uma prática milenar que faz parte da cultura de diversos povos desde os primórdios da humanidade. No Brasil os índios já utilizavam ervas para rituais de cura; após a colonização por Portugal, as práticas e saberes sobre plantas medicinais somaram-se as práticas dos negros e europeus que vieram para o país, tornando a prática da medicina popular brasileira diversificada. O uso da fitoterapia vem sendo incorporado pouco a pouco na saúde pública; existem muitas pesquisas sobre fitoterápicos pelos centros de

⁵Na etimologia da palavra, fitoterapia significa “tratamento pelas plantas” (WEISHEIMER et al, 2015, p.105).

pesquisas e universidades brasileiras, uma vez que essas pesquisas beneficiam a população e o país.

De acordo com a política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos (2006) o Brasil possui capacidade de realizar pesquisas favoráveis para o desenvolvimento da terapêutica baseada em fitoterápicos, pois possui a maior biodiversidade planetária; e possui herança do conhecimento da medicina popular, além de étnica e cultura diversificada.

Para que se possa extrair os princípios ativos das plantas medicinais e para que as mesmas se tornem medicamentos fitoterápicos, elas precisam passar por diversos estudos e testes até a sua liberação. “O aproveitamento adequado dos princípios ativos de uma planta exige o preparo correto, ou seja, para cada parte a ser usada, grupo de princípio ativo a ser extraído ou doença a ser tratada, existe forma de preparo e uso adequados” (ARNOUS *et al*, 2005, p.2).

Segundo Macedo (2017, p.33) existem três documentos legais de fundamental importância para a inclusão de medicamentos fitoterápicos no sistema único de saúde (SUS), sendo eles: “política nacional de práticas integrativas e complementares de 2006, Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos de 2006 e programa nacional de planta medicinal e fitoterápicos de 2008”.

O enfermeiro é o um dos profissionais que possui maior contato social com as famílias e comunidade na atenção básica. A atenção básica é a porta de entrada do SUS, é na atenção básica que se possui maior contato entre profissionais de saúde com a população. Para Bruning, Monseguí e Vianna (2011) a equipe de saúde das Unidades Básicas de Saúde (UBS) possui uma maior assistência à comunidade; com um bom planejamento e utilizando os recursos fitoterápicos disponíveis, pode-se melhorar a qualidade da saúde da população; para que possa ter essa conduta é necessário treinamento adequado dos profissionais de saúde.

Ibiapina (2014) defende que a utilização de fitoterápicos na atenção básica apesar de estar em fase de expansão, ainda é precária no Brasil, principalmente pela falta de conhecimento dos profissionais e ausência de maiores informações sobre o assunto. “O reconhecimento da importância do uso de plantas medicinais pela população

brasileira fez com que o governo federal legalizasse a fitoterapia junto ao sistema único de saúde (SUS) no ano de 2005” (BEZERRA, *et al* 2016, p.273).

2 A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DA FITOTERAPIA

Para Ferreira e Pinto (2010), a evolução do saber sobre as plantas, permitiu que o homem aprimorasse seus conhecimentos e permitiu o uso mais complexo e mais específico das ervas e plantas medicinais, não só para curar suas dores, mas também



Fonte: <https://sites.google.com/site/fitoterapiaocidental/home/historico>

para curar outras enfermidades e outros sintomas.

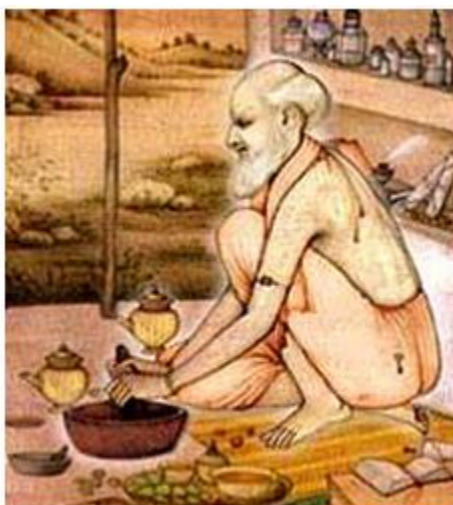
Figura 1: Ritual de enterro utilizando plantas na pré-história



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/767019380259723185/>

Figura 2: Homem hindu utilizando plantas medicinais

Figura 3: Representação do uso de plantas medicinais na Grécia Antiga



Fonte: <http://revistamisteriosdeorumila.com.br/index.php/2019/05/24/fitoterapia/>

Figura 4: Representação da produção de Fitoterápicos



Fonte: <https://dicasdemassagem.com/historia-e-origem-da-fitoterapia>

Figura 5: Representação de medicamento Fitoterápico



Fonte: <https://portalaratimba.com.br/melhor-fitoterapico-para-ansiedade/>

2.1 O NASCIMENTO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS

“A fitoterapia é tão antiga quanto a história da humanidade” (ELDIN; DUNFORD, 2001, p. 7). Segundo Alvim et al (2006) desde o período pré-histórico o homem busca na natureza a solução para seus problemas, o homem buscava através do saber empírico práticas de saúde utilizando plantas e ervas para curar seus males espirituais e físicos. “Desde a era pré-história à idade antiga eram preparados cataplasmas de folhas e ervas com o intuito de estancar hemorragias e facilitar a cicatrização” (FLORIANÓPOLIS, 2007, p. 14).

Segundo Vieira (2012) o *homo sapiens sapiens*⁶ após praticarem outros tipos de cuidados observados na natureza finalmente aprenderam a cuidar de feridas com ervas e plantas mastigadas ou esmagadas. Com o passar do tempo as enfermidades foram atribuídas às forças espirituais e ao poder sobrenatural; frente a isso surgiram os curandeiros, que praticavam rituais de cura, exorcismos e orações incorporando a essas técnicas o uso de plantas e infusões de ervas.

Ainda de acordo com Vieira (2012) quando as primeiras civilizações estavam finalmente formadas, por volta de 8.000 a.C, os xamãs⁷ dominavam os conhecimentos sobre a utilização das ervas para diversas finalidades, como tratamento de dores, feridas, ritos mágicos, rituais de procedimentos com os mortos e sepultamento. Com o fortalecimento da sociedade, por meio da civilização, nasceram às religiões e com isso os sacerdotes, que herdaram e ampliaram os conhecimentos dos xamãs; esses sacerdotes eram divididos em três grupos onde cada grupo possuía uma atribuição, sendo eles: curandeiros, exorcistas e os medicastros; este último possuía o conhecimento de ervas, seu preparo, infusão, compressas para tratar dores e feridas.

2.2 FITOTERAPIA NAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

“Todas as antigas civilizações tem suas próprias referências históricas às plantas medicinais” (ELDIN; DUNFORD, 2001, P. 7).

Nos dizeres de Saad, et al (2016), na Índia a dietética, higiene e hábitos de vida são importantes para qualidade da saúde, as plantas que podem ser ingeridas são consideradas medicinais. A medicina árabe e tibetana foram herdadas da medicina indiana. Na China por volta de 2500 a.c., o imperador Amarelo (Shen Nong) registrou 365 drogas, sendo boa parte delas plantas medicinais. Entre várias técnicas utilizadas na medicina chinesa, podemos encontrar a fitoterapia.

⁶ “Espécie de homínido, da família dos primatas, da qual faz parte o homem moderno e seus ancestrais; *homo rationalis*. Designação da raça humana, da humanidade, da pessoa dotada de inteligência: *homo sapiens*, espécie humana a que pertencemos, tem apenas 30.000 anos.” (Dicionário online de Português, 2020)

⁷“Homem com conhecimentos especializados nos ritos mágicos aplicados a cada caso de enfermidade, surgiu aproximadamente 10.000 a.C.” (Vieira, 2012, p.18).

Segundo Silva (2010) na Mesopotâmia Antiga acreditavam que os deuses determinavam um destino para cada pessoa, cada pessoa tinha uma espécie de espírito guardião, se essa pessoa cometesse algum delito ou pecado, esse espírito guardião era retirado pelos deuses, colocando desta maneira o indivíduo exposto às doenças, males e até a morte. Esses povos praticavam oferendas, sacrifícios e outros tipos de cerimônia para convocar os deuses.

Ainda segundo Silva (2016) os mesopotâmicos possuíam uma relevante farmacopeia de drogas diversas, baseada em centenas de plantas, minerais e produtos animais, administradas sob diversas formas no tratamento das doenças. Esses povos utilizavam certos tipos de plantas e resinas em ligaduras e gessos, por possuir propriedades antissépticas e antibióticas no tratamento de feridas. Algumas pesquisas realizadas puderam-se observar que as prescrições mais utilizadas usavam mais de 250 plantas com ação medicinal.

Conforme Abranches (2015) as plantas e ervas eram utilizadas a pelo menos 2300 a.C, pelas civilizações egípcia, hebraica e assíria. Esses povos cultivavam as plantas para diversas finalidades como produção de vermífugos e purgantes, criação de cosméticos e líquidos usados no embalsamento das múmias.

Segundo Deroide (1994) defende que os persas atribuíam as doenças aos demônios, eles acreditavam que as doenças se instalavam após o corpo ser habitado por espíritos malignos, deste modo utilizavam várias plantas para expulsar os demônios.

De acordo com Cavalcante (2019) na Grécia antiga estudiosos famosos como Aristóteles, Hipócrates, Plínio, Galeno e outros já tinham pesquisado, estudado, classificado e ensinado o uso terapêutico de centenas de plantas medicinais; essa era ficou conhecida como idade de ouro da fitoterapia. Esses estudiosos deixaram uma herança sobre conhecimentos relacionados aos fitoterápicos e tratamentos à base das plantas e ervas.

Para Vieira (2012), os romanos preocupavam e praticavam a medicina sanitaria; no segundo período, a antiga civilização romana herdou da civilização grega práticas e saberes sobre a medicina, que era baseada em tratamentos pelas plantas medicinais.

Assim como as demais civilizações antigas a civilização maia, atribuía à religião os saberes sobre a medicina e práticas curativas; os médicos eram sacerdotes ou xamãs que possuíam os conhecimentos sobre as plantas medicinais e sua utilização. O saber sobre as plantas medicinais e práticas de cura eram passadas de forma hereditária, a criança saía com o pai para aprender os diversos conhecimentos sobre as enfermidades, procedimentos de cura e plantas medicinais (ON LINE EDITORA; et al 2016).

“Os curandeiros incas estudavam a aplicação e as finalidades das diversas plantas encontradas nas florestas e nas encostas montanhosas a fim de melhorar a qualidade de vida do povo inca. [...] A mistura de plantas era o principal remédio feito pelos incas” (ON LINE EDITORA; et al, 2016, Pág.68).

Segundo Jonas e Levin (2001) relata que em torno de 1500 a.C os astecas documentaram em seus registros algumas ervas medicinais, que mais tarde foram adicionadas às farmacopeias americana e européia.

A medicina asteca era uma das mais avançadas da América central, para esses povos a causa das doenças poderiam ser tanto física quanto mística. Eles sabiam das doenças de ordem física, como por exemplo, o resfriado, comum, bronquite, doenças de pele causadas por fungos, presença de infecção, entre outros. Na civilização asteca, o tratamento não era gratuito, aquele que não podia custear um tratamento se ofereciam para os cientistas como cobaias, para que os mesmos fizessem experimentos com diversos tipos de tratamento e para que pudessem testar as diversas plantas medicinais (ON LINE EDITORA, 2017).

2.3 FITOTERAPIA NA IDADE MÉDIA

Segundo Jonas e Levin (2001) a Europa entrou na idade média após a queda do império romano, e o conhecimento adquiridos por eles pelos gregos sobre as plantas medicinais foram perdidos, passado apenas aos religiosos nos mosteiros. A medicina monástica preocupou-se mais com a proteção espiritual dos santos durante as grandes pragas da Europa do que com o conhecimento disponível sobre as plantas medicinais. As aldeãs que praticavam a fitoterapia, mantendo essa cultura viva; muitas delas foram

levadas à fogueira para serem queimadas vivas, pois seus perseguidores defendiam que esse conhecimento era para proporcionar o bem estar e não para curar sintomas e doenças.

Para Silveira, Lassen e Beuter (2013) as mulheres que utilizavam plantas na idade média tinham ascensão social, eram consideradas bruxas pela igreja e medicina masculina da época. A medicina se aliou à inquisição para eliminá-las, uma vez que eram suas concorrentes econômicas pois possuíam conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais. Eles não tinham a explicação e conhecimento das práticas de curas que elas realizavam na época e por isso acreditavam que elas praticavam bruxaria, ato que era extremamente condenado na época, deste modo essas mulheres eram caçadas e queimadas vivas nas praças públicas.

2.4 A FITOTERAPIA NO RENASCIMENTO E REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Durante o renascimento, a igreja foi perdendo espaço e as explicações baseadas na religião foram perdendo força, desse modo o conhecimento empírico passou a não ter valor. Passou a buscar as explicações através de métodos e pesquisas científicas. Como diz Godinho (2012), as diversas reformas religiosas, como a reforma protestante, a contrarreforma, entre outras, resultaram no período que conhecemos como renascimento. O renascimento foi marcado pela ideia de que todas as coisas devem ser explicadas, pelo pensamento racional, nesse período houve um forte avanço das pesquisas científicas. Neste contexto os fitoterápicos foram perdendo força, os tratamentos para as diversas doenças começaram a ser tratados pelos medicamentos alopáticos.

Como explica Alvim et al (2006), o uso de plantas medicinais, assim como outras práticas de medicina popular, foram perdendo prestígio por não terem base científica. Com a transição do feudalismo para o capitalismo houve uma nova ordem cultural baseada em moldes da produção industrial, dando origem ao surgimento da alopatia e da institucionalização da saúde fazendo com que o uso de plantas medicinais e outras práticas não convencionais se tornassem práticas sem importância e relevância.

Ainda de acordo com Alvim et al os medicamentos sintéticos por serem considerados mais potentes, fizeram com que os fitoterápicos ficassem abandonados após a metade do século XX, contudo esses medicamentos levam a outras patologias, por serem drogas eficazes, porém nocivas (CHARPENTIER, et al, 2002).

Segundo Braga (2011) defende que as sequentes guerras mundiais favoreceram o uso de plantas medicinais, pois durante o período de guerra, a produção industrial em grande escala perdeu espaço para a produção de armamentos e munições que alimentavam a guerra.

Com o passar do tempo novas pesquisas sobre terapias alternativas foram surgindo e o uso de alternativas menos agressivas e consideradas naturais foram ganhando espaço, criou-se então o termo fitoterapia, “O termo fitoterapia foi dado à terapêutica que utiliza os medicamentos cujos constituintes ativos são plantas ou derivados vegetais, e que tem a sua origem no conhecimento e no uso popular.” Caderno de atenção básica de número 31, BRASIL (2012).

2.5 A FITOTERAPIA NO BRASIL

No Brasil a fitoterapia sofreu influências das culturas indígenas, europeias, africanas, além de possuir uma biodiversidade gigante de vegetais; isso fez com que a medicina popular brasileira se tornasse bastante diversificada. Os índios já utilizavam plantas para rituais de cura desde o início da civilização indígena. Houve um forte crescimento de estudos sobre os fitoterápicos e laboratórios de fabricação fitoterápica no país nos últimos anos, a aceitação da fitoterapia pela população favoreceu esse aumento de produção (BORBA; MACEDO, 2006).

Frente a isso o sistema único de saúde criou políticas e programas, como por exemplo o programa farmácia viva, para fundamentar o uso de fitoterápicos, sendo eles: Política nacional de práticas integrativas e complementares de 2006, Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos de 2006 e Programa nacional de planta medicinal e fitoterápicos de 2008.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que os estados membros criem políticas e programas nacionais voltadas para a atenção básica de saúde, que incluam a inserção da medicina tradicional e a medicina complementar e alternativa. No Brasil foi criado em 2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC). A aprovação desta influenciou o desenvolvimento de políticas, programas e projetos de práticas alternativas no SUS (CADERNO DE ATENÇÃO BÁSICA DE NÚMERO 31). (BRASIL, 2012).

Como diz Alvim et al, (2006) há diversos estudos e pesquisas no campo da fitoterapia a das plantas medicinais, com isso a fitoterapia vem ganhando força tanto no meio acadêmico, quanto nas diversas formas de trabalho na área de saúde, especialmente na área da enfermagem, frente a isso será mostrado no próximo capítulo os benefícios do uso de fitoterápicos e a importância da indicação e da inserção dos mesmos na conduta do enfermeiro.

3 BENEFÍCIOS E INDICAÇÕES DA INSERÇÃO DOS FITOTERÁPICOS

A fitoterapia é de extrema importância para o tratamento de alguns pacientes, neste capítulo será apresentado as indicações e benefícios da inserção da fitoterapia na conduta clínica do enfermeiro, “ressaltando a importância da fitoterapia como alternativa viável, acessível, segura, eficaz e de baixo custo”. Weisheimer et al, (2015, pág. 103). O mesmo autor defende que, mesmo que tenham origem natural, a fitoterapia não está livre de contraindicação ou efeitos adversos, ou até mesmo da comunicação com nutrientes e outros medicamentos, por esta razão a importância de se estudar e capacitar sobre tal assunto.

3.1 MODELO DE ASSISTÊNCIA ATUAL

Segundo Alvim et al (2006), o uso de plantas medicinais bem como da fitoterapia é considerado apenas quando os usos das terapias convencionais não conseguem tratamentos e solução para questões à cerca da saúde. O modelo biomédico estava ascendendo quando nasceu a Enfermagem sob o sistema Nigthingale, como a atuação do enfermeiro tende a acompanhar o modelo biomédico, as diversas possibilidades terapêuticas alternativas acabam sendo desconsideradas. Isso torna difícil a inclusão de terapias alternativas pelos profissionais de enfermagem.

No modelo atual é considerado apenas aquele que foi estudado, pesquisado e comprovado cientificamente, assim o critério torna-se verdade, dessa maneira as práticas alternativas acabam perdendo credibilidade. Entretanto para Alvin et al (2006) diversas variedades de plantas estão sendo estudadas pelo meio científico e acadêmico. Com isso vem conquistando espaço em universidades e no meio profissional, especialmente na área de enfermagem.

De acordo com o autor por ser um campo de informações e conhecimentos, a universidade deverá participar de debates sobre o uso de terapias alternativas, de maneira ética. As instituições de ensino devem instruir os profissionais e a população além de fortalecer laços na busca de opções que ascendam a qualidade de vida e saúde da população.

3.2 CONSEQUÊNCIAS DO USO DE FITOTERÁPICOS DE MANEIRA INDISCRIMINADA

Segundo Ferreira (2010) quase todos os medicamentos alopáticos possuem um único princípio ativo, enquanto os extratos vegetais possuem diversas substâncias ativas, e que em muitos casos atuam em áreas diferentes. Ele defende que o uso da fitoterapia é facilitado por diversos fatores, principalmente pela falta de acesso aos medicamentos alopáticos por algumas pessoas. Para Arnous, Santos, Beinner (2005) boa parte dos usuários que fazem uso de plantas medicinais e fitoterápicos possuem pouca escolaridade. Neste contexto aparecem diversos vendedores vendendo falsos fitoterápicos com a promessa de que são bons e não oferecem riscos porque são naturais, se aproveitando da falta de informação do público envolvido.

O uso de plantas de maneira indiscriminado pode levar a sérios danos, como diz Ferreira (2010). As pessoas do senso comum acreditam que tudo que é natural é saudável e que não possuem efeitos colaterais. Há diversas plantas que podem causar letalidade por possuir fortes substâncias tóxicas e algumas ervas medicinais podem possuir substâncias sem compatibilidade com alguns medicamentos, podendo causar danos. Dessa maneira se faz importante realizar pesquisas sobre o tema.

Ainda segundo o autor, os efeitos colaterais podem causar desde pequenos efeitos, às vezes sendo psicológicos ou até mesmo causar sérios problemas, podendo esses, serem irreversíveis. O uso indiscriminado pode causar interação medicamentosa, onde o medicamento fitoterápico pode aumentar ou diminuir a ação do medicamento alopático. Por esta razão é extremamente importante o acompanhamento de um profissional especializado.

3.3 BENEFÍCIOS DO USO DOS FITOTERÁPICOS

Santos; et al (2011) defende que os fitoterápicos são de fácil aceitação pela população, possuem baixo custo-benefício devido a disponibilidade para obtenção e cultivo das plantas medicinais. A cultura existente da utilização das plantas medicinais

pela população, favoreceu assim o crescimento de pesquisas e produção de medicamentos fitoterápicos.

Muitos autores defendem que os medicamentos fitoterápicos trazem pouco ou nenhum dano. Como diz Bruning, Monseguí e Vianna (2011) os fitoterápicos são terapias menos agressivas, devido ter componentes naturais; por esta razão há grande procura e aceitação pela população.

De acordo com Costa, et al (2019) a produção de medicamentos fitoterápicos é importante, pois esse tipo de terapia alternativa pode causar menores índices de dependência pelos pacientes do que os medicamentos alopáticos.

Para Santos, et al (2011) a eficácia, baixo custo e a disponibilidade de se achar matéria prima para os medicamentos fitoterápicos e a cultura já enraizada na população favorece o aumento dessa terapia alternativa; a possibilidade do uso, é de extrema importância para cobrir a grande falta de medicamentos no SUS. Ao incluir os medicamentos fitoterápicos aumenta a gama de opções para os pacientes do sistema único de saúde.

Para manipulação de medicamentos fitoterápicos pode-se utilizar raízes, caule, folhas; dessa maneira uma única planta medicinal pode conter diversos princípios ativos, dependendo da planta a ser utilizada como matéria prima, podendo algum componente acarretar efeito adverso. Isso explica a importância de se utilizar medicamentos corretamente com orientação correta de um profissional (ARAUJO E PORTO, 2018).

Segundo Martins, Porto e Hashimoto (2017) as plantas possuem diversos componentes que atuam dificultando a proliferação de fungos e bactérias, muitas dessas plantas apresentam eficácia comprovada cientificamente. Com isso, o uso de fitoterápicos em feridas torna-se uma alternativa viável para tratamentos e cuidados em feridas.

3.4 FITOTERAPIA E EXPANSÃO AGRÍCOLA

Segundo Borba e Macedo (2006) possuir grande quantidade de variedade vegetais no território brasileiro favoreceu para que houvesse a utilização para meios

medicinais desses vegetais. Houve grande aumento da produção à nível industrial nos laboratórios em decorrer dos anos devido à grande aceitação pela população brasileira.

O autor destaca que há importância na orientação para a população, uma vez que apareceram mais pessoas que passaram a cultivar ervas com fins medicinais em casa. Segundo o autor em contra partida, a expansão da agropecuária ocorrida nos últimos anos fez com que perdesse vegetação nativa e causando impacto no meio ambiente.

Ferreira (2010) defende que os pesquisadores estão perdendo muitos esboços para a criação de novos fitoterápicos, devido à diminuição das florestas, biomas e vegetações nativas decorridas do aumento populacional e avanço das indústrias agropecuárias em rumo às florestas e áreas rurais.

Macedo (2016) afirma que a produção de fitoterápicos tem como objetivo diminuir a necessidade de matéria prima que vem do exterior. Desse modo, a fabricação de medicamentos fitoterápicos brasileiros aumenta a autonomia brasileira na produção de medicamentos.

4 INTRODUÇÃO DOS FITOTERÁPICOS NA CONDUTA DA ENFERMAGEM

Segundo o Art. 11 da Lei nº 7498 de vinte e cinco de junho de 1986, o código de ética dos profissionais de enfermagem permite a prescrição de medicamentosa pelos profissionais de Enfermagem, desde que esses medicamentos estejam descritos nos programas e políticas de saúde pública e aprovados pela instituição de saúde para qual trabalham, e é de suma importância que esses profissionais estejam habilitados para isso.

4.1 IMPORTÂNCIA DA FITOTERAPIA NO CURRÍCULO DOS ENFERMEIROS

Alvin et al (2006) defende que a falta de inclusão no currículo formador torna-se difícil a inserção dos fitoterápicos, uma vez que esses profissionais não possuem conhecimentos suficientes para aplicar seu uso. Para que o uso de ervas medicinais se

torne prática no cuidado de enfermagem, deve-se fazer a inclusão de conteúdo de forma correta e formalizada na grade curricular dos cursos de enfermagem para que a classe tenha competência e saberes técnico que viabilizem a inclusão dessas práticas.

Macedo (2016) afirma que a grande dificuldade para crescimento e inclusão da fitoterapia do sistema único de saúde é a ausência de saber dos profissionais de saúde, devido à baixa capacitação dos mesmos nessa área e a falta de disciplinas e conteúdo nos cursos superiores. Para que a fitoterapia seja incluída de forma efetiva precisa-se de investimento e treinamento das equipes de saúde à cerca do tema.

Para Bruning, Monseguí e Vianna (2011), os estudos e conhecimentos não devem se limitar apenas à grade curricular, os assuntos que envolvem à cerca da fitoterapia deve-se estender para atividades de ensino, pesquisa e extensão para que os profissionais envolvidos possam aplicá-las de forma correta.

O estudo de Thiago e Tesser (2011) mostrou que os profissionais de saúde ainda apresentam pouco conhecimento sobre as terapias complementares, sendo assim, se mostra necessária a capacitação para esses profissionais para uma melhor inserção da PNPIC. Segundo os autores, o uso de plantas medicinais é bastante difundido na população, e maior parte das pessoas possuem acesso à diversos tipos de plantas; a falta de conhecimento pelos profissionais implica no pouco uso dessas práticas alternativas.

4.2 IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR JUNTO COM A COMUNIDADE

Para Arnous, Santos e Beininger (2005) os profissionais de saúde não possuem preparo suficiente para tratar assuntos relacionados a fitoterapia. Para que os enfermeiros tenham sucesso na implantação dessas terapias é indispensável trabalhar em conjunto com a comunidade e com a ajuda da equipe das unidades básicas de saúde. O enfermeiro deve traduzir os conhecimentos de forma que a comunidade possa entender e colocar em prática de forma segura e eficaz.

“[...] alternativas terapêuticas, que devem ser bem estudadas, avaliadas e direcionadas especificamente para cada indivíduo, enfatizando sempre a importância da

utilização de fitoterápicos com orientação profissional, a fim de alcançar resultados desejáveis e efeitos adversos”. Weisheimer et al, 2015.

Para Rezende e Coco (2002) a fitoterapia deve ser incentivada pelos enfermeiros nas comunidades, principalmente nas áreas carentes, deve-se somar aos conhecimentos dos profissionais com os conhecimentos da população.

Para Valverde, Silva e Almeida (2018), o uso da fitoterapia deve ser acompanhada pelas equipes de estratégia saúde da família, para que barreiras à cerca dos fitoterápicos sejam quebradas, para que se possa utilizar essas práticas com cuidado e segurança. Apesar de boa parcela das pessoas utilizarem plantas medicinais, a maioria desconhece sobre os verdadeiros conceitos da fitoterapia e de sua aplicabilidade no SUS, a partir daí, podemos observar a importância da capacitação dos profissionais de saúde sobre as políticas e programas relacionados ao tema.

Ainda segundo Valverde, Silva e Almeida (2018) saber o que a comunidade pensa, acredita, quais terapias alternativas a população conhece ou não é de suma importância para a inclusão da fitoterapia na conduta da enfermagem, além de ser um passo importante para a implantação nas unidades básicas de saúde. Deve-se aproximar os profissionais de saúde da realidade, necessidade, cultura e costumes da comunidade, isso também favorece a troca de saberes entre profissionais e comunidade adscrita.

De acordo com Trovo, Silva e Leão (2003), o profissional de enfermagem é de extrema importância na implantação da fitoterapia nas unidades básicas de saúde, uma vez que esse profissional está em contato direto com a comunidade, podendo desta maneira conscientizar a população sobre os benefícios, contraindicações e maneira correta de uso dos fitoterápicos.

4.3 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO CONTINUADA PELOS ENFERMEIROS

De acordo com Costa e Porto (2018) ao incluir a fitoterapia na Unidade Básica de Saúde é de extrema importância treinar os profissionais envolvidos sobre todas as etapas, desde o cultivo, colheita, preparo, prescrição e demais etapas envolvidas, proporcionando melhores resultados para a preparação e para o uso desses medicamentos.

As variadas formas de tratamentos alternativos devem ser ministradas em aula para que os profissionais de enfermagem tenham conhecimento adequado para a introdução de fitoterápicos na comunidade e que possa ter mais abrangência nas políticas de saúde pública, Brito; et al (2014).

Schwambach e Amador (2007) dizem que há necessidade de educação permanente dos profissionais para que se possa acompanhar e orientar os usuários ao longo do tratamento. Os autores defendem a necessidade de monitorar os riscos e benefícios à longo prazo, e a criação de programas para a orientação dos profissionais e dos usuários sobre a utilização de plantas medicinais e da fitoterapia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse estudo pode-se observar que os profissionais de saúde obtêm pouco conhecimento em relação aos fitoterápicos, pode-se observar dessa maneira a importância da inclusão da fitoterapia na grade curricular de forma obrigatória dos profissionais de saúde.

Também se nota que pesquisadores que descrevem sobre fitoterapia/fitoterápicos confundem muito plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos, uma vez que ambos são completamente diferentes, as plantas medicinais são apenas à matéria prima dos fitoterápicos.

Embora a fitoterapia esteja em constante crescimento, podemos observar a falta de autonomia do profissional de enfermagem, devido à falta de conhecimento. Muitas pessoas aproveitando-se da falta de informação do público e vendem falsos fitoterápicos. Uma maneira de evitar essas vendas é capacitar a enfermagem, uma vez que esse profissional está próximo à comunidade e poderá intervir em prol da população adscrita.

Segundo os artigos selecionados, a fitoterapia é indicada para promoção e prevenção à saúde, temos como exemplo o seu uso para problemas respiratórios, obesidade, controle de pressão arterial, prevenção de doenças, entre outros.

Os ensinamentos da fitoterapia devem ser expandidos para além das instituições de ensino, deve trazer para o cotidiano dos profissionais de enfermagem. Assim como nas diversas áreas da enfermagem, os profissionais de enfermagem devem sempre estar estudando e se atualizando para as atualizações futuras sobre os medicamentos fitoterápicos.

A inserção da fitoterapia nas unidades básicas de saúde pode promover a promoção e prevenção à saúde, cabe ao enfermeiro capacitar-se para a introdução dessas terapias, por ser o profissional diretamente ligado à promoção e prevenção à saúde.

A introdução da fitoterapia pela enfermagem deve passar por diversas etapas, sendo elas: planejamento, cronograma, treinamento de profissionais, inserção no cotidiano dos pacientes, avaliação dos resultados.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Monise Vieira. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos: abordagem teórica com ênfase em nutrição**. Editora AS sistemas, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=_haiAgAAQBAJ&pg=PT90&dq=como+era+a+m+edicina+e+plantas+medicinais&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjxv9nw3tBlAhWBC9QKHXY6CsMQ6AEIQDAD#v=onepage&q=como%20era%20a%20medicina%20e%20plantas%20medicinais&f=false> Acesso em 07 de novembro de 2019.

ALVIM, Neide Aparecida Titonelli; et al. **O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira**. Revista Latino Americana de Enfermagem, Universidade de São Paulo, v. 14, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692006000300003&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 11 de maio de 2019.

ARAUJO, Raquel Rodrigues; PORTO, Necienne de Paula Carneiro. **Atualização sobre o uso de fitoterápicos encontrados no Brasil com efeitos cicatríciais e anti-inflamatórios**. Revista Fitoterapia Brasil, v.19, n.5, 2018. Disponível em: <<https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/2639/html>> Acesso em: 23 de julho de 2020.

ARNOUS, Amir Hunssein; SANTOS, Antonio Sousa; BEINNER, Rosana Passos Cambraia. **Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário**. Revista Espaço para Saúde, Londrina, v. 6, n. 2, 2005.

Disponível

em<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32856432/plantamedicinal.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPLANTAS_MEDICINAIS_DE_USO_CASEIRO_-_CONH.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20191104%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20191104T010643Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=420628a85097375ace5924d30cd6ccd8e516792e18bb3d848101c1b9d716b712> Acesso em: 03 de novembro de 2019.

BRAGA, Carla de Moraes. **Histórico da utilização de plantas medicinais**. Brasília. 2011. Disponível em: <http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/1856/1/2011_CarladeMoraesBraga.pdf> Acesso em: 07 de novembro de 2019.

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução RDC Nº 26, de 13 de maio de 2014**. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/3171284/%283%29RDC_26_2014_COM_P.pdf/84bee0e4-6504-461d-b672-77b088898e2d> Acesso em 24 de setembro de 2019.
BRASIL. COREN. **Legislação dos profissionais de enfermagem**. Lei nº7498 de 25 de julho de 1986. 2020. Disponível em: <<http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/C%C3%B3digo-de-%C3%89tica-dos-profissionais-de-Enfermagem.pdf>> Acesso em: 23 de julho de 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. 2006. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf> Acesso em 18 de setembro de 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. CADERNO DE ATENÇÃO BÁSICA NÚMERO 31. **Práticas integrativas e complementares. Plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica**. 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf> Acesso em 02 de março de 2020.

BEZERRA, Daniel Sarmiento; et al. **Fitoterapia e uso de Plantas Medicinais: adjuvantes no controle da pressão arterial**. Revista temas em saúde, João Pessoa, v. 16, n. 4, 2016. Disponível em: <<http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2017/01/16417.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2019.

BORBA, Aneliza Meireles; MACEDO, Miramy. **Plantas medicinais usadas para saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT**. Brasil. Acta Botânica, Brasil, v.20, n.4, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062006000400003> Acesso em 28 de fevereiro de 2020.

BRITO, Andréa Gomes da Rocha; et al. **Fitoterapia: uma alternativa terapêutica para o cuidado em Enfermagem - relato de experiência.** Revista Biota Amazônica, v.4, n.4, 2014. Disponível em: <<https://www.bibliotekevital.org/revistas/BIOTA/v04n04/v04n04a04.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2020.

BRUNING, Maria Cecília Ribeiro; MONSEGUI, Gabriela Bittencourt Gonzalez; VIANNA, Cid Manso de Melo. **A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde.** Revista ciência e saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, 2012 Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001000017&lang=pt> Acesso em: 18 de maio de 2019.

CAVALCANTE, Rogério. **As plantas na odontologia: um guia prático.** 3.ed. Rio Branco. 2019. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=8UKkDwAAQBAJ&pg=PA12&dq=uso+de+plantas+medicinais+na+grecia+antiga&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiex6D3stnlAhXrlbkGHe-nC8oQ6AEIOTAC#v=onepage&q=uso%20de%20plantas%20medicinais%20na%20grecia%20antiga&f=false>> Acesso em: 07 de novembro de 2019.

CHARPENTIER, Brigitte; et all. **Conceitos básicos para a prática farmacêutica.** São Paulo. Andrei Editora Limitada. 2002.

COSTA, Igor de Moura; Et al. **Uso de Plantas Medicinais e Fitoterápicos na Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v.26, n°26, 2019. Disponível em: <> Acesso em: 23 de julho de 2020.

DEROIDE, Philippe. **As essências florais francesas: Harmonizadoras da alma.** 2.ed. São Paulo. Editora Aquariana Ltda. 32q1nm 1994. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=LfejOmFGoBUC&pg=PA13&dq=uso+de+plantas+medicinais+na+grecia+antiga&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiex6D3stnlAhXrlbkGHe-nC8oQ6AEITzAF#v=onepage&q=uso%20de%20plantas%20medicinais%20na%20grecia%20antiga&f=false>> Acesso em: 08 de novembro de 2019.

ENDIN, Sue; DUNFORD, Andrew. **Fitoterapia: na atenção primária à saúde.** São Paulo. Editora Manole Ltda. 2001. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=s3PFkaXTUfcC&pg=PA7&dq=uso+de+plantas+medicinais+na+grecia+antiga&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiex6D3stnlAhXrlbkGHe-nC8oQ6AEIWzAH#v=onepage&q=uso%20de%20plantas%20medicinais%20na%20grecia%20antiga&f=false>> Acesso em 09 de novembro de 2019.

FERREIRA, Vitor F; PINTO, Angelo C. **A fitoterapia no mundo atual.** Revista química nova, v.33, n.9, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422010000900001> Acesso em: 18 de maio de 2019.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria municipal de saúde. **Protocolo de cuidados e feridas**. 2007. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_10_2009_10.46.46.f3edcb3b301c541c121c7786c676685d.pdf> Acesso em: 01 de novembro de 2019.

GODINHO, Rosimery de Sampaio. **Renascimento: Uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza**. Revista de Informação, v.13, n1, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/45740>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo. Editora atlas S.A. 2010.

IBIAPINA, Waléria Viana; et al. **Inserção da fitoterapia na atenção primária aos usuários do sus**. Revista Ciência e saúde nova esperança, João Pessoa, v. 12, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/issue/view/32/50>>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

JONAS, Wayne B; LEVIN, Jeffrey S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. São Paulo. Editora Manole Ltda. 2001. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=rScNkGWFpTMC&pg=PA365&dq=uso+de+plantas+medicinais+na+grecia+antiga&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiex6D3stnlAhXrlbkGHe-nC8oQ6AEIKTAA#v=onepage&q=uso%20de%20plantas%20medicinais%20na%20grecia%20antiga&f=false>> Acesso em 07 de novembro de 2019.

MACEDO, Jussara Alice Bezerra. **Plantas medicinais e fitoterápicos na atenção primária à saúde: Contribuição para profissionais prescritores**. Revista Fitos, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19282/2/6.pdf>> Acesso em: 03 de novembro de 2019.

MARTINS, Isis Alexandra Bezerra Pires; PORTO, Rildo Côrtes; HASHIMOTO, Júlio Saldão. **Benefícios dos fitoterápicos na aplicação de curativos: atuação do profissional enfermeiro no contexto da atenção primária**. 2017 Disponível em: <http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/8a615f803fbaa41bddf6fe1589f0b056.pdf> Acesso em: 05 de outubro de 2020.

ON LINE EDITORA; et al. **Guia Segredos do Império Inca**. 1.ed. On Line Editora. 2016. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=qMzZDAAAQBAJ&pg=PA68&dq=medicina+inca&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj1n73ggt7IAhWiGrkGHdGKAnUQ6AEIKTAA#v=onepage&q=medicina%20inca&f=false>> Acesso em: 09 de novembro de 2019.

ON LINE EDITORA. **Guia Segredos do império: o povo asteca**. 3.ed. Barueri-SP. On Line Editora. 2016. Disponível em: <

<https://books.google.com.br/books?id=wDUyDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=medicina+asteca&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjK2pqQid7IAhWAErkGHRtBBMwQ6AEIQDAD#v=onepage&q=medicina%20asteca&f=false>> Acesso em 09 de novembro de 2019.

ON LINE EDITORA; et al. **Guia Segredos do Império Maia Ed.02: Os senhores da mesoamérica.** São Paulo. On Line Editora. 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=qruwDgAAQBAJ&pg=PA73&dq=medicina+inca+maia+e+asteca&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjr0vL__N3IAhUXEbkGHQweClcQ6AEINjAC#v=onepage&q=medicina%20inca%20maia%20e%20asteca&f=false> Acesso em: 09 de novembro de 2019.

REZENDE, Helena Aparecida de; COCCO, Maria Inês Monteiro. **A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural.** Revista Escola Enfermagem, USP, v. 36, n.3 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342002000300011> Acesso em: 11 de maio de 2019.

SAAD, Glaucia de Azevedo; et al. **Fitoterapia Contemporânea: tradição e ciência prática clínica.** 2.ed. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan Ltda. 2016.

SANTOS, R. L; et al. **Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde.** Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v. 13, n.4, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-05722011000400014&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 20 de julho de 2020.

SCHWAMBACH, Karin Hepp; AMADOR Tânia Alves. **Estudo da utilização de plantas medicinais e medicamentos em um município do sul do Brasil.** Revista Latin American Journal of Pharmacy, v.26, n.4, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/271850870_Estudo_da_Utilizacao_de_Plantas_Mediciniais_e_Medicamentos_em_um_Municipio_do_Sul_do_Brasil> Acesso em: 30 de junho de 2020.

SILVA, J Martins e. **A medicina na Mesopotâmia antiga: 2 parte.** Revista científica da ordem dos médicos. Lisboa. 2010. Disponível em:< http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/A_MEDICINA_NA_MESOPOT%C3%82MIA_ANTIGA__segunda_parte.pdf> Acesso em 09 de novembro de 2019.

SILVEIRA, Marcelo Anzolin; LASSEN, Manoel Francisco Mendes; BEUTER, Sidiane Betina. **Utilização das plantas medicinais e fitoterápicas o conhecimento popular em uma revisão bibliográfica histórica.** Salão do conhecimento. UNIJUI. 2013. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:FF_KVUmwWZwJ:https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/1923/1590+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 02 de janeiro de 2020.

THIAGO, Sonia de Castro S; TESSER, Charles Dalcanale. **Percepção de médicos e enfermeiros da estratégia da saúde da família sobre terapias complementares.** Revista Saúde Pública, v. 45, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102011000200003&script=sci_abstract&tlng=pt> acesso em: 28 de junho de 2020.

TROVO, Monica Martins; SILVA, Maria Júlia Paes da; LEÃO, Eliseth Ribeiro. **Terapias terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem.** Revista latino Americana de Enfermagem, v.11, n.4, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n4/v11n4a11.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2020.

VALVERDE, Amanda Viegas; SILVA, Nina Cláudia Barboza; ALMEIDA, Mara Zélia. **Introdução da fitoterapia no SUS: contribuindo com a estratégia de saúde da família na comunidade rural de Palmares, Paty dos Alferes, Rio de Janeiro.** Revista Fitos, Rio de Janeiro, v.12, n.1, 2018. Disponível em: <<http://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/573/pdf> > Acesso em: 28 de junho de 2020.

VIEIRA, Raymundo Manno. **Raízes históricas da medicina ocidental.** Volume 4. São Paulo. Editora fap-Unifesp. 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=BV7iAgAAQBAJ&pg=PA15&dq=como+era+a+m+medicina+na+pre+historia&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjL7KSu0dHIAhUNJ7kGHYnZDp4Q6AEIOTAC#v=onepage&q=como%20era%20a%20medicina%20na%20pre%20historia&f=false>> Acesso em: 04 de novembro de 2019.

WEISHEIMER, Naiana; et al. **Fitoterapia como alternativa terapêutica no combate à obesidade.** Revista Ciência e nova esperança, v. 13, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2010/11/Fitoterapia-como-alternativa-PRONTO.pdf>> Acesso em: 28 de junho de 2019.